

FOLHA LITERARIA

Editor Redutor-Chefe—Augusto Mário Vieira

ANO 2

Cuiabá, 5 de Novembro de 1949

NÚMERO 18

R U Y

José da Mesquita
Presidente da A. M. L.

Falar, de Ruy Barbosa, cujo centenário hoje celebramos é evocar, na grandezza de um nome, toda a grandezza do Brasil. Desde séc., a nossa gente se habitou a ver nela o Numa nacional, o imponente defensor do Brasil no exterior e da Liberdade e do Direito dentro e fora do País, o constante propagador da Cultura e da Justiça, o simbolo vivo e gloriose de nossa Pátria, no que ela possui de mais alto e mais representativo. Desde os dias gloriosos da propaganda abolicionista republicana, até a última campanha da Bahia, que trajetória esplêndida a desse Condor a librar-se sempre no anel olímpico onde

palram os sublimes ideais humanos. Em Haia—o apôstolo da igualdade das nações; em Buenos Aires—o criador da Liberdade e do Direito; em São Paulo—o chefe de um dos mais célebres movimentos nacionais, o civilismo de 1910; ao Rio—o conselheiro arguto e experimentado e o guia alicerçado de momentos agudos da política. Foi Ruy o parlamentar e jornalista que derrotou o Império e expelhou os erros da república, com a palavra elegante, ática e inexcedível, no mais aceso das reffigias; o jurista que sempre disse a última palavra nas questões mais intricadíssimas político que jamais se subordinou aos manejos vilaines da politicalha, e por isso não foi nunca devidamente compreendido; o escritor, o homem de letras, o pensador, que rivalizaria com Demostenes falando, e, com Ciceron, escrevendo. Tudo isso ele fez e muito mais que isso.

Mestre de bem dizer e de bem escrever—pode ser apontado como excelente paradigma a quantos cultivam a Arte divina da Palavra escrita ou falada. Dêle se pode dizer o que Jungceiro referiu ao grande Victor Hugo: "Ninguém como tu, num planeta tão vasta, rasgou um sulco tão profundo. E' que a charrua era de bronze, guiada por Hércules e tirada triunfalmente por cem parelhas de leões".

A tanta grandezza e benemerencia retribuiu-lhe a ingratidão dos contemporâneos com o exílio de Londres, com as insídias partidárias de 1910 e 1919, com as tropes pasquinadas que procuraram, em vão, matar-lhe o brilho aureo do caráter e a encruscar-lhe a irradiância astral do genio. Na magnitudem moral da sua alma, só comparável à amplitud océnica do seu talento, ele a tudo perdoou, e nunca desceu da Pátria, sintetizando a sua vida aquafé magistral, triúfica, o mais belo e inclusivo programa de um homem predestinado, verdadeiro vértice de uma nacionalidade e paradigmática da grandezza humana—"Entremecou a Pátria, viveram no trabalho e não perecer o ideal".

(6 Nov. de 1949)

Cuiabá e o Centenário de Ruy Barbosa

Haja, já 20 (vinte) horas, no triste nôtre da Casa "Barão de Melgaço", as sociedades culturais de Cuiabá, sob os auspícios dos Poderes do Estado, fariam realizar uma sessão magna em conmemoração ao grandioso dia de hoje, em que a "Noite Brasileira", festa com grandes pompas e parades, celebra o centenário de nascim.ento do grande bájano Ruy Barbosa, um dos gloriosos ligh-
tas da cultura brasileira.

A ESPAÇAL

Ruy Barbosa

A inteligência, o direito, a ciência, os três poderes legítimos do mundo. Eles representam, cada um de per si, o seu humano, e as coisas nobres, as virtudes, os valores humanos, o destino humano. A essas três expressões da humanidade, a sua evolução mental, a sua

existência na superfície da terra, o voluntário fim do seu desenvolvimento. Deante deles a força, noutras nítidas barbas, se reduz a sua entidade subalterna, cuja intervenção não valerá nada, se não for pelos serviços que a sua lenitividade.

Conclue na da pagina

"Estamos nos mados de Deus, não na das nossos inimigos; por conseguinte continuemos marchando"

SHAKESPEARE.

Regresso á Terra Natal

Ruy Barbosa

Depois disto...deante disto...
não sei como princípio...
As primeiros sorrida longina-

RUY, POETA A Humanidade

Tudo na criação definha e morre
percecem as nações, tombam impérios,
e a vida para os homens fulge rápida
como o fulgor de súbito relâmpago...
Não vedes lá nas raias do horizonte
o sudário alvancado do passado?
São cidades que dormem embuçadas
no seu manto de páldidas ruínas;
só ossadas de povos que branqueiam
como um lençol de neve no sol dos polos...
Só eu ressurrei sempre dos destroços,
qual o gigante que na luta intrépido
recupera ao cair atento e forçoso!

Folha Literária no estrangeiro

Sen Martín—argentina.

Do dr. Andrés J. Abad, brillante membro da União Americana, o diretor deste jornal recebeu o seguinte cartão:

San Martín, 16 de Outubro de 1949
Sr. Augusto Mário Vieira
Cuiabá—Brasil

De mi mas alta distinción;

Con gran placer recibí el número 14 de "Folha Literária" que Ud dirige. Hic el encuentro colaboradores de excelente valer, sehoros informativos y tan agil y simpatica correspondencia.

Todo ello me merece el mas sincero de los aplausos que se añaieren mis congratulaciones de la Unión Cultural Americana, donde desde allora crecio. Ud con su ilustre amigo.

La tarea en que todos estamos empeñados, de hacer algo por la Unión de América, encuentran en su publicación numerosas plausibles y dignas de todo elogio.

Con placer he de anilar el desarrollo de la obra que Ud ha iniciado y por mi parte de seguirlo, en quanto aportes en el Boletín de la entidad.

Asocio a la más fervorosa aplausos las expresiones de mi admiración y simpatía.

Fraternalmente
Andrés Abad.

O nosso aparecimento e os intelectuais brasileiros

Ponta Grossa—Paraná
Do Prof. Faris Antônio Michaeli,
o diretor deste jornal recebeu o seguinte cartão:

Itaú, S.P.—Augusto Mário Vieira
Cuiabá.

Prezado e Ilustrado Patrício:
Pepêlo, encarecidamente, me perdoe por não haver respondido, antes.

É que me adoro em época de proras escaldas no Colégio Regente Feijó, onde leciono.

Agora, porém, posso dizer-lhe que grande foi o meu prazer interfectual, an leu o seu bem elaborado jornal "Folha Literária", preciosíssimo deposito de sabedoria e beleza, que bem expõe a vida espiritual da simplicidade e exuberância capital malgratente.

Creia-me, muita me honrou contínuar a receber a mesma, pois, de outro lado, aqui temos dois centros culturais que, igualmente, podem beneficiar-se com a sua leitura.

Com os meus agradecimentos o testemunho de minha elevada estima.

Cordialmente,

Faris Antônio S. Michaeli

quos de minha terra na curva aquela de sua encosta, em quanto o vapor me aproximava rapidamente desta doca plagas onde vinha mão me embalar o primeiro e meus filhos me voltar, talvez, o ultimo grun, vendo pendurar-se do céu e estremecer para mim o nibubu, onde cantou Castro Alves, verde onda murmuroso do eterno poema destruído entre as ondas e os astros, parecia-me que a saudade, amar- fassana evocada pelo co- ração, me estendia os braços da terra a parte, no longo complexo horizonte. Minha vida Intel- ra, o recente passado fugitivo recompunha-se em algumas instan- tes, de uma infância suavida de tristeza, como as das grandes aflições, teases, que lutam contra a volubilidade dos aces- sos, e procuram fixar-se à beira da corrente irresistível da vida, abraçando-se aos ramos imortais do ideal. Nesse crescer, porém, de recordações, onde o meu es-pirito flutuava, anhelante, de vaga em vaga, de pensamento em pensamento, de ressurreição, mais vivas, mais incisantes, mais obsessivas en- tre todas se me desbriavam as memórias as impressões da minha última visita a este laces. Val- por cinco anos. Era em 1886, corriam os últimos dias de abril. Poucos me eram dados, para repartir estes arcos, a cujo extremo se formou a minha paixão pelo liberdade. E vivia só com a minha filha, a única forma que a cultura não me recu- sou, a compreender nelas das inúmeras provações, o vistoso de meu combate acidentado. A atmosfera do Império e da es- travidão opriu-me, abscondia, de todos os lados. Os partidos monárquicos brigavam, entredos, na sua rixa de lagartos, na sua proibição de estrelas re- fletentes à tua de uma publicida- dade indiferente, ou hostil, como os rios da tua que escriviam o terrível progresso, mas flagelaram a estrela ascendente, no silêncio, no incenso, no soldado mortal da justiça, carimbado, por tua esterilidade inutila.

Quiseste, então, ouvir-me, amigos meus, bons conterraneos, os meus judeos... Irmãos, porque fostes todos os meus amigos, durante tantos anos, quando eu, de melancolia, de inteligência, de gressosidade e de cultura, em Bohemia, fui te lembrar... Quiseste ouvir-me, Monastério-me-falar... E, no Teatro S. João, despedindo-me da tua memória e a tua abuliação inutila, e a fedorada iniente,

Ruy e a imprensa

"A impressão é vista da Na-
tão. Faz clá que é que a Nação
acampaõa o que lhe passa an-
perio e se longe, exagera o que
lhe magraem, devassa o que lhe
conseguem, e transm. cutio o que
lhe acomete, ou rebuam, per-
cebe onde lhe acometeu o nadamo,
mede o que lhe concerne, em tra-
tarem, vela pelo que lhe interessa-
sa, e a acosta de que a amea-
ça..."

Anunciam na
"FOLHA LITERARIA"

Folha Literária

Ano II | Cuiabá, 6 de Novembro de 1849 | N.º 18

O VOTO

Ruy Barbosa

Nas sociedades modernas o cidadão é o avô político do indivíduo. Do mesmo modo a critica, a escaço espessa e rija de uma planta, o seu cortiço lombar e rude lhe abriga o melindroso do amago, o tocado vital do verme, assim as liberdades políticas protegem os direitos individuais, e a mesma lei que consagra a legitimidade desses, implicitamente abrange, como condições inseparáveis, na legitimação dos direitos individuais a legitimidade da defesa das liberdades políticas.

Triste da arvore, se conseguis que a desravelham do cortiço, se deixar que lhe permane as intempéries a medida, escorando-a da casca, que a cobre. Mas, também do homem que, como a árvore comida, com o amago entregue ao tempo, cuidar que salva os seus direitos de individuo, quando abandona os seus direitos de ci-

dadão. Não tardará que o bicho e a podridão o carcam a esavizem da sua vitalidade morta, não tardará que, estranho-se dos europeus de cidadão, acabe por desfazor de homens; não tardará que, no compelido pelo mero luto ranja a serra, ou que vos esqueçam, pois, sechares, Bennuindo o voto, não fazendo questão do voto, consentindo que vos arrebatem o voto, deixando, assim, que vos pupilam com o governo que quiserem, estareis como eu, no íntimo de vossos partidos a viver, não ousando defender o teu, a fortuna, a hora e a prole. O futuro dele, o vosso, o da pátria, tudo o por que a vida vale a pena de se viver, tudo se vai, quando os indivíduos suíram salvar as suas frangüias de homens, impondo as suas garantias de cidadão.

Tela Viva

Clotilde Lopes

Na quietude da tarde, envolvente e suave
No quasi pôr-do-sol, do Ocaso o resplendor
Do azul violeta ao roxo, do rosa ao verde jade
No céu se manifesta um cálido fulgor.

Refletindo no rio as cores se desdobram
De incêndio propagando em rubis sua cér
E o azul se confundindo aos verdes lá da margem
A tela faz vibrar de luz e de explendor!

A passarada canta. O canto é tão macio
Que ficamos suspensos ao ouvir o trinar
Nessas tardes tão lindas, tão claras de estio

O mundo até parece suspenso num fio!
E o luar resplendente aparece a brilhar
Prateando de luz toda a extensão do rio;

QUASE

Para "Folha Literária"

Luiz Oldívio — Rio

Por um só quase realiza o sonho,
— o sonho ardenteamente desejado!...
Sua alma vibrar à condutor risinho
em breves horas estard capado...

"Adeus Passado mau,—tempo esfadanho
em que eu vivia triste, abandonado!
Muito sozinho... e ainda agora sonho
viver aquilo já por mim sonhado..."

...E dorme assim, sem pressentir que a Guerra,
monstro daninho, arrezzador, medonho,
invadirá sua tranquila toca...;

Antes jamais tivesse acordado!
...Por um só quase realiza o sonho
um pobre sonhador apaixonado...

A Espada

RUY BARBOSA

Concepção da 1a. pagina
que a sua obediência fu-
çou. Para se constituir num
organização geral, a espada
é adotada, como símbolo,
a espada, reúna das pri-
meiras etapas históricas,
natura selvagem dos povos
escravizados, mas hoje, nas
muitas das povos livres, ora-
tura das suas leis, depen-
dência das suas administrações,
instrumento dos seus gover-
nos.

Fória dui a espada não é a
ordem, mas a opressão, não
a tranquilidade, mas o ter-
ror, não é a disciplina, mas
a anarquia, não é a moraliza-
ção, mas a corrupção, não
é a economia, mas a ban-
carraria, não é a ciencia, mas
a impaciência, não é a defe-
sa nacional, mas a ruiva
guerra, a invasão e o desmem-
bramento. Isto é, não po-
deria deixar de ser, portanto,
com o domínio da
espada se estableça necessariamente
o governo da irres-
ponsabilidade, o jubilho dos
estados do silio, a extinção
da ordem jurídica, a subal-
ternização da justiça à força.

Cine Teatro Bahia

5/6 — Sab/Dom — Sempre te
amei — com — Philip Boni

6 — Vesp — Rusty e a Ceguinha
— com Ted Donaldson — A Sombra
do Terror 47/8 epis — Victor
Jory

7/8 — 21/31 Feira — Ronda das
Favores — com — Jack Haley

8 — 4 Feira — Singapura — com
— Fred Mc Murray

10/11 — 5/6 — O Morte volta

— com — John Beal

12/13 — Sab/Dom — Virtude
Salvagem — com — Gregory Peck

13 — Vesp — No Caminho d'Este
— com — Dick Powell — A Sombra
do Terror 6/7 epis — Victor
Jory

14/15 — 2/31 — Raucor — Ro-
bert Young

16/17 — Feira — Sedutora — con-
— Adele Jergens

17/18 — 5/6 Feira — Sonata de
Amor — com — Katherine Hepburn

19/20 — Sab/Dom — Beco das
Almas — Perdida — com — Jean
Blondell e Tyrone Power

20 — Vesp — A Sombra do Ter-
ror 6/7 epis — Victor Jory

21/22 — 2/31 Feira —

23 — Feira — Eu não Confinho

— com — Spencer Tracy

24/25 — Feira — Abre asas

de Ilusões — com — Clark Gable

26/27 — Sab/Dom — A grande

valze com — Louise Ralston

27 — Vesp — A Sombra do Ter-
ror 6/7 epis — Victor Jory

28 — Vesp — Peter Traverses

do Crime — com — Adele More

29 — Feira — web me Perdi-

ce — com — Barbara Stanwick

ce — com — Barbara Stanwick